

O 11 de setembro como alerta divino: Jerry Falwell e a *jeremiad* americana

September 11th as a divine warning: Jerry Falwell and the American jeremiad

Daniel ROCHA¹



0000-0001-6813-2024

Resumo

Apenas dois dias após os atentados de 11 de setembro e em meio a um contexto de extrema comoção nacional nos Estados Unidos, o pastor batista Jerry Falwell – importante liderança da chamada Direita Cristã norte-americana –, deu uma polêmica entrevista ao também pastor e televangelista Pat Robertson no programa *700 Club*. Falwell imputou a certos grupos e organizações norte-americanas – como grupos favoráveis à legalização do aborto, feministas e homossexuais –, parte da culpa pelo que havia acontecido no 11 de setembro. Neste texto, procura-se analisar a entrevista de Falwell interpretando-a como uma *jeremiad*, uma forma de sermão ou discurso marcado pela constatação do “pecado” da nação, pelo aviso da iminência do castigo divino e pelo chamado ao arrependimento. Inicialmente, discutir-se-á a longa tradição e popularidade que a retórica *jeremiad* tem na história dos Estados Unidos e como discursos políticos e religiosos têm sido feitos nesse formato. Na sequência, será analisado o uso constante desse formato de sermão nos diagnósticos de Falwell sobre os Estados Unidos, que tinham grande repercussão nacional durante, especialmente, a década de 1980, no auge da popularidade da Direita Cristã no país. Por fim, a entrevista dada por Falwell em 13 de setembro de 2001 será retomada e procurar-se-á demonstrar como suas polêmicas afirmações – apesar de todas as reações de repúdio da sociedade norte-americana –, estavam em sintonia com uma perspectiva segregadora e antissecularizante que era indissociável da interpretação de Falwell dos valores essenciais, do excepcionalismo e da “missão” dos Estados Unidos no mundo.

Palavras-chave: Direita cristã. História dos Estados Unidos. Jerry Falwell.

Abstract

Just two days after the September 11th attacks and amid a context of extreme national commotion in America, Baptist pastor Jerry Falwell – an important leader of the Christian Right – gave a controversial interview to Pat Robertson (also a pastor and televangelist) on the 700 Club television program. Falwell attributed to certain American groups and organizations – such as pro-abortion, feminists and homosexuals – part of the blame for what happened on 9/11. In this text, we analyze Falwell's interview interpreting it as a jeremiad, a form of sermon or speech marked by the verification of the nation's "sin", by the warning of the imminence of divine punishment, and by the call to repentance. Initially, we will discuss the long tradition and popularity that the jeremiad rhetoric has in American history and how religious and political speeches have been made in this format. Next, we analyzed Jerry Falwell's constant use of this sermon format in his diagnoses of the United States that had great national repercussions

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Av. Dom José Gaspar, 500, Prédio 04, Sala 204 B, Coração Eucarístico, 30535-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: <danielrochabh@yahoo.com.br>.

Apoio/Support: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Edital nº 086/2013.



during, especially, the 1980s, at the height of the Christian Right's popularity in the country. Finally, we return to the September 13th Falwell interview and demonstrate how his controversial statements – despite all the reactions of repudiation in American society – were in line with a segregating, maximalist, and anti-secularizing perspective that was inseparable from Falwell's interpretation of the core values, exceptionalism and "mission" of the United States in the world.

Keywords: Christian right. History of the United States. Jerry Falwell.

Introdução

Meu povo, contudo, esqueceu-se de mim! Eles oferecem incenso ao Nada; eles os fazem tropeçar em seus caminhos, nas veredas de outrora, para caminhar por sendas, por caminho não traçado; para fazer de sua terra objeto de pavor, zombaria perpétua. Todos os que passam por ele se admiram e meneiam a cabeça. Como o vento do Oriente eu os dispensarei diante do inimigo. Eu lhes mostrarei as costas e não a face no dia de sua ruína (Jeremias 18:15-17)².

A visão das torres do *World Trade Center* em chamas após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 marcou o início do século XXI e motivou, além de temor e espanto, muitas reflexões acerca do papel das religiões no mundo contemporâneo. Não foram poucos os autores que se debruçaram sobre as relações entre as crenças religiosas e os atentados terroristas. O termo fundamentalismo e o adjetivo fundamentalista passaram a "circular" com cada vez mais profusão e, ao mesmo tempo, menor precisão conceitual nos veículos de imprensa e mesmo em estudos acadêmicos³, para classificar uma religiosidade belicosa, intolerante e "antimoderna". Marranci (2009, p. 52, grifo do autor, tradução nossa)⁴ diz que se antes dos atentados de 11 de setembro o fundamentalismo islâmico era um caso de estudo – numa perspectiva comparativa –, entre outros "fundamentalismos", a partir daquele dia "[...] tornou-se o *fundamentalismo* e muitas vezes foi misturado com outro fenômeno: o terrorismo [...]. Isso produziu um aumento de publicações jornalísticas e populares de pouco valor acadêmico". Muitos queriam entender as razões de as mulheres vestirem suas burcas e do autossacrifício de homens-bomba em pleno 2001.

Através da análise de fontes essenciais para a compreensão dos acontecimentos do 11 de setembro – como orientações escritas recebidas pelos terroristas que tomaram o controle dos aviões, discursos de Osama bin Laden e George W. Bush e comentários de lideranças da Direita Cristã norte-americana sobre os atentados –, o livro "Holy terrors: thinking about religion after September 11", de Bruce Lincoln (2003), apresenta alguns pontos importantes para o debate. Sem querer "comparar o incomparável" e estabelecer paralelos insustentáveis entre os personagens pesquisados, Lincoln evita o uso do polêmico e, muitas vezes, pejorativo conceito de fundamentalismo e opta por distinguir entre perspectivas minimalistas e maximalistas de religião no mundo contemporâneo. De acordo com Lincoln (2003, p. 5, tradução nossa)⁵, o estilo minimalista seria herdeiro de uma tradição iluminista que restringe a religião "[...] a um conjunto importante de problemas (especialmente metafísicos), protege seus privilégios contra a intromissão do Estado, mas limita suas atividades e influência à sua esfera específica" – normalmente relegada ao espaço da vida privada, em sintonia com a noção weberiana de secularização. O estilo

² Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (2002).

³ Sobre as polêmicas em torno do uso do conceito de fundamentalismo, ver: Pierucci (1992), Rocha (2020a), Watt e Wood (2014).

⁴ No original: "It has become the fundamentalism, and has often been blurred with another phenomenon: terrorism. [...] This has produced an increase in journalistic and populist publications of little scholarly value" (Marranci, 2009, p. 52).

⁵ No original: "[...] to an important set of (chiefly metaphysical) concerns, protects its privileges against state intrusion, but restricts its activity and influence to this specialized sphere" (Lincoln, 2003, p. 5).

maximalista, por outro lado, é marcado pela convicção de que a religião deve permear todos os aspectos da existência humana – incluindo aí aspectos políticos e sociais. Entre esses dois extremos existiria uma série de posições intermediárias.

O incandescente contexto do 11 de setembro colocou em destaque mundial algumas lideranças religiosas e políticas que não compreendiam como “normal” uma perspectiva minimalista de religião que excluía os “valores eternos” de certas áreas da atividade humana. Neste artigo, procura-se – realizando alguns recortes – entender o papel e algumas afirmações de um desses personagens: o pastor batista Jerry Falwell. “Estrela” da mobilização política de setores conservadores do protestantismo norte-americano nas décadas de 1970 e 1980 e porta-voz da *Moral Majority* (Maioria Moral), Falwell era uma das figuras mais polêmicas do campo político-religioso nos Estados Unidos e se envolveu em uma série de controvérsias devido a algumas de suas afirmações contra homossexuais, feministas e políticos com posturas mais liberais. Susan Harding diz que diferentemente de lideranças *neoevangélicas* como Billy Graham, que tinham posturas mais conciliadoras e comedidas, a posição de Falwell era marcada pelo confronto: ele dizia que “‘É hora de usar uma linguagem dura [...]. Você não muda as coisas se não deixar as pessoas bravas’” (Harding, 2000, p. 163, tradução nossa)⁶.

Em 2001, Falwell estava distante dos seus dias de destaque da década de 1980. A Maioria Moral, como movimento, já havia se encerrado e Falwell tinha virado motivo de chacota de alguns setores da população devido a polêmicas curiosas, como sua campanha contra Tinky Winky, o personagem roxo do programa infantil *Teletubbies*, acusado por Falwell de ser homossexual e de incentivar as crianças a seguirem o mesmo caminho⁷. O pastor de Lynchburg, no entanto, voltou às manchetes nacionais juntamente com o também pastor e liderança da Direita Cristã Pat Robertson. Dois dias após os ataques de 11 de setembro, Falwell foi ao programa de TV de Robertson – o *700 Club* – e fez algumas afirmações polêmicas, como:

Os abortistas têm que carregar algum fardo por isso, porque Deus não será ridicularizado. E quando destruímos 40 milhões de bebês inocentes estamos deixando Deus furioso. Eu realmente acredito que os pagãos, os abortistas, as feministas e os gays e lésbicas (que estão ativamente tentando fazer disso um estilo de vida alternativo), a ACLU [*American Civil Liberties Union*], *People For The American Way*, todos eles tentaram secularizar a América. Eu aponto o dedo para a cara deles e digo: “Vocês ajudaram isso a acontecer” (Jerry..., 2001, *online*, grifo nosso, tradução nossa)⁸.

Em uma perspectiva histórica, privilegiando o diálogo entre crenças sedimentadas na longa duração e o impacto dos acontecimentos que se movimentam na curta duração, esta discussão procurará analisar as afirmações de Falwell sobre o 11 de setembro dentro do contexto histórico, cultural e religioso norte-americano. Embora tenham sido consideradas bizarras por certas pessoas e/ou ofensivas para outras, é preciso que as interpretações de Falwell sobre as causas do 11 de setembro sejam entendidas levando em conta sua perspectiva religiosa maximalista e o seu uso da estrutura retórica da *jeremiad* para dar sentido àquela situação. Com esse objetivo, em primeiro lugar, será apresentada a longa e popular tradição da retórica *jeremiad* na história norte-americana. Em seguida, o uso que Jerry Falwell

⁶ No original: “[...] it is time to speak harsh language. [...] You don't change things if you don't make people mad” (Harding, 2000, p. 163).

⁷ Falwell deu início à polêmica ao publicar em seu jornal *National Liberty Journal* de junho de 1998 uma advertência aos pais contra o personagem com o título “Tinky winky comes out of the closet”.

⁸ No original: “The abortionists have got to bear some burden for this because God will not be mocked. And when we destroy 40 million little innocent babies, we make God mad. I really believe that the pagans, and the abortionists, and the feminists, and the gays and the lesbians who are actively trying to make that an alternative lifestyle, the ACLU, People For the American Way, all of them who have tried to secularize America. I point the finger in their face and say: ‘You helped this happen’” (Jerry..., 2001, *online*). Um vídeo com as afirmações mais polêmicas da entrevista está disponível no canal do Youtube da organização *People For the American Way* (Jerry..., 2001). O conteúdo completo da entrevista também foi disponibilizado como anexo no livro de Lincoln (Falwell; Robertson; 2003, p. 104-107).

faz dessa retórica em seus diagnósticos e chamados à ação no campo político e religioso dos Estados Unidos será analisado. Por fim, retornar-se-á à entrevista dada por Falwell em 13 de setembro de 2001 com o objetivo de demonstrar como suas polêmicas afirmações – apesar de todas as reações de repúdio na sociedade norte-americana –, estavam em sintonia com uma perspectiva maximalista, segregadora e antissecularizante que era indissociável da interpretação de Falwell dos valores essenciais, do excepcionalismo e da “missão” dos Estados Unidos no mundo.

A *jeremiad* americana

A noção de *jeremiada* como uma “lamúria ou queixa insistente”⁹ define apenas parcialmente o que *jeremiad* significa no contexto histórico-religioso norte-americano. Mais do que um lamento, a *jeremiad* é uma forma de retórica. A referência mais direta é ao profeta Jeremias e suas admoestações ao “povo de Deus” no período que antecedeu o cativeiro babilônico. O “profeta chorão”, entre outros profetas do Primeiro Testamento, demonstrava preocupação pela degradação moral de Israel e a iminência do castigo divino decorrente da violação do pacto (por parte dos israelitas) outrora estabelecido entre Javé e seu povo no Sinai: “Espantai-vos disso, ó céus, horrorizai-vos e abalai-vos profundamente! [...] Porque o meu povo cometeu dois crimes: Eles me abandonaram, a mim, fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas, que não podem conter água” (Jeremias 2:12-13).

Mas a pregação de Jeremias não se limitava à “exortação” e “condenação”. O destino terrível poderia ser evitado caso o povo se arrependesse de seus maus caminhos. De acordo com Murphy (2009, p. 6, tradução nossa)¹⁰, as críticas de Jeremias forneciam uma explicação e apresentavam uma razão para o sofrimento e dificuldades enfrentadas pelo povo. Deus permitiu (ou mesmo escolheu) a “[...] Babilônia para servir como instrumento de Sua punição. Mas o profeta também mantinha uma esperança de restauração e perdão caso a comunidade se arrependesse e voltasse para a obediência”.

Procurando elencar alguns elementos essenciais da retórica *jeremiad*, Murphy estabelece um interessante paralelo entre o “filho pródigo” da parábola bíblica e a noção de um povo eleito por Deus em estado de “pecado”, uma “nação pródiga”. Inicialmente, é necessário que se tenha consciência do “pecado” e das consequências do afastamento em relação a Deus. As evidências de declínio moral são elencadas tendo por parâmetro de comparação um passado de comunhão e bem-aventurança. Em um segundo ponto, Murphy afirma que as *jeremiads* identificam certos momentos específicos (*turning points*) do passado “[...] quando ideias ou práticas destrutivas apareceram inicialmente e rastreiam seus efeitos nos anos subsequentes” (Murphy, 2009, p. 7, tradução nossa)¹¹. Por fim, é necessário que o filho pródigo (ou a nação pródiga) não apenas reconheça seu estado de alienação em relação a Deus, mas que também tome as ações necessárias para reestabelecer a comunhão perdida: arrependimento e renovação.

Bercovitch (1978), em “The American Jeremiad”, entre outras obras¹², procurou analisar a “herança puritana” da Nova Inglaterra na história e no imaginário político e nacional dos Estados Unidos com o fornecimento de uma “base bíblica para aquilo que viemos a chamar de mito da América” (Bercovitch, 1988, p. 142). Entre os elementos desse inventário de heranças puritanas, Bercovitch examinou mais minuciosamente em sua obra a formação e o desenvolvimento do que ele chama de “*jeremiad* americana”. Nos púlpitos do puritanismo anglo-saxão do século XVII, muitas pregações resgatavam o formato das

⁹ Definição presente no dicionário *Michaelis online*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jeremiada/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

¹⁰ No original: “Babylon to serve as the instrument of His chastisement. But the prophet also held out the hope of restoration and forgiveness if the community repented and returned to obedience” (Murphy, 2009, p. 6).

¹¹ No original: “[...] when the destructive ideas or practices first appeared, and trace their effects over subsequent years” (Murphy, 2009, p. 7).

¹² Entre outras, podemos citar: Bercovitch (1975, 1988).

advertências dos profetas do Primeiro Testamento, com sua estrutura de alerta quanto ao pecado do povo e anúncio do castigo divino caso esse mesmo povo não se arrependesse de seus “maus caminhos”. Entretanto, de acordo com Bercovitch, se na “*jeremiad* europeia” o foco estava permanentemente sobre os pecados dos homens e o iminente juízo de Deus, a *jeremiad* dos puritanos da Nova Inglaterra tinha uma característica peculiar. A crença de que eram um “povo eleito” guiado por Deus para a “Nova Canaã” mudou o cerne da mensagem da “vingança” de Deus contra os pecadores para a promessa da bênção de Deus sobre a sua missão.

A missão deles era peculiar, diziam os puritanos, pois eles eram um “povo peculiar”, um grupo de cristãos não apenas chamados mas escolhidos, e escolhidos não somente para o “céu”, mas como instrumentos de um projeto histórico sagrado. Sua Igreja-Estado deveria ser tanto um modelo para o protestantismo reformado quanto uma prefiguração da Nova Jerusalém que estaria por vir. Para este fim, eles fizeram uma revisão da *jeremiad*. Não que eles tenham minimizado a ameaça do castigo divino; ao contrário, eles o afirmavam com uma ênfase sem paralelos nos púlpitos europeus. Mas eles a qualificaram de forma a transformar a ameaça em celebração. No caso dos puritanos, eles criam que os castigos divinos tinham caráter corretivo e não destrutivo (Bercovitch, 1978, p. 7, tradução nossa)¹³.

Com Deus ao seu lado, eles eram um povo diferenciado que tinha as chaves do futuro em suas mãos. De acordo com Murphy (2009, p. 11, tradução nossa)¹⁴, “[...] o poder retórico da *jeremiad* americana reside nessa perene e dinâmica tensão entre a percepção do declínio nacional e a permanente promessa nacional”. Assim, havia a crença de que a missão seria posta à prova. Mas essas provações não ameaçavam, nem traziam incertezas sobre o sucesso último do projeto. Na tradição da *jeremiad* americana, reafirmava-se a excepcionalidade e a inviolabilidade da missão. As dificuldades viriam para aperfeiçoar o povo escolhido. “Deus corrige aqueles que ama”. A vitória sobre as provações, como seria encarada a Guerra Civil, só reforçava a convicção no destino providencial. Para Bercovitch (1978), essa *jeremiad* transformada é uma das bases da persistência do “sonho americano”, ou do “mito da América”, sobrevivendo a mais de 200 anos de crises e transformações daquela sociedade.

Se para os puritanos do século XVII o objetivo seria criar uma comunidade comprometida com os valores expressos nas Sagradas Escrituras e com uma conduta moral irrepreensível – que seria um exemplo para o mundo de virtuosidade e fé –, a ideia de ser uma “cidade no alto da colina” (*a city upon a hill*) ganhou outros contornos ao longo do tempo, muitos deles com um viés notadamente político e secular. O sentido da “missão” dos norte-americanos no mundo, com suas diferentes *jeremiads*, recebeu diversas apropriações por diferentes grupos ao longo da história dos Estados Unidos. As *jeremiads* se fizeram presentes nos púlpitos, na literatura, nas falas de lideranças sociais e mesmo nos discursos presidenciais – como discutido na obra de Neüff (2018). Os exemplos são vários e, devido às limitações deste texto, não será feita uma análise mais extensa de casos. Martin Luther King Jr., para citar apenas um exemplo, falava de seu sonho, que estava “profundamente enraizado no sonho americano”, e de que “esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença”, mas também chegou a proclamar que “[...] o juízo de Deus está sobre a América agora” (Moltmann, 2004, p. 179). David

¹³ No original: “Theirs was a peculiar mission, they explained, for they were a ‘peculiar people’, a company of Christians not only called but chosen, and chosen not only for heaven but as instruments of a sacred historical design. Their church-state was to be at once a model to the world of Reformed Christianity and a prefiguration of New Jerusalem to come. To this end, they revised the message of the *jeremiad*. Not that they minimized the threat of divine retribution; on the contrary, they asserted it with a ferocity unparalleled in the European pulpit. But they qualified it in a way that turned threat into celebration. In their case, they believed, God’s punishments were corrective, not destructive” (Bercovitch, 1978, p. 7).

¹⁴ No original: “[...] the rhetorical power of the American *jeremiad* lies in this perennial and dynamic tension between perceived national decline and enduring national promise” (Murphy, 2009, p. 11).

Chappell buscou mostrar como os discursos de lideranças da luta pelos direitos civis, como o de Martin Luther King Jr., se contrapunham ao otimismo característico da intelectualidade liberal do período. King Jr. fazia:

[...] eco com o pessimismo dos profetas sobre o homem. Esse pessimismo surge com bastante clareza em um ensaio de 1948 sobre o profeta Jeremias, no qual King delineou a maior parte dos temas que ele iria mais tarde enfatizar em seus discursos políticos: a nação está numa crise moral; as instituições humanas, incluindo as igrejas e os templos, são corruptas; a sociedade rejeita os profetas que dizem a verdade (King afirmou que Jeremias era um fracassado pelos padrões do mundo); e, finalmente, a verdade profética motiva a rebelião e a renovação (Chappell, 2008, p. 79).

Se a apostasia e decadência nacional têm, na retórica da *jeremiad*, origem na violação do pacto entre Deus e seu povo, é importante saber quais seriam as bases desse pacto. Se na narrativa bíblica a lei mosaica fornecia os parâmetros da relação entre Deus e os israelitas, no caso norte-americano a *jeremiad* liga-se a uma noção de “valores fundacionais da nação”. Segundo Pocock (2004), os Estados Unidos possuem uma cultura política marcada pelo momento “fundacional”. Diferentemente de outras nações cujos “mitos de origem” mais profundos estariam relacionados a batalhas, heróis nacionais e características naturais, Pocock afirma que os norte-americanos, no geral, entendem que seu país foi fundado a partir de certas ideias e princípios que seriam o fundamento último da identidade e da razão de ser de seu país.

Poucas dessas outras [nações] começam sua história com um ato consciente de fundação, proclamando princípios cujo conteúdo pode ser debatido e contestado, e cuja universalidade – sua aplicabilidade ao resto da humanidade – faz parte desse questionamento. Mas esse é o caso dos Estados Unidos; houve uma fundação e os norte-americanos continuam debatendo a respeito de seus significados (Pocock, 2004, p. 40, tradução nossa)¹⁵.

Nesse tipo de cultura fundacional, haveria uma alternância entre um “período litúrgico”, em que se considera que esses princípios são observados e cultuados, e momentos de apostasia nacional, períodos marcados pela retórica *jeremiad*. Pocock (2004) afirma que, em sociedades fundadas sobre certos princípios, como é o caso da norte-americana, os seus cidadãos possuem uma “obrigação” moral e política de “julgar” quando esses princípios estão sendo observados ou não. Aqui retoma-se o exemplo de Martin Luther King Jr. que, em seu famoso discurso “I have a dream”, afirmou:

Num certo sentido, viemos à capital do nosso país para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração de Independência, estavam a assinar uma promissória de que cada cidadão americano se tornaria herdeiro. Este documento era uma promessa de que todos os homens veriam garantidos os direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à procura da felicidade. É óbvio que a América ainda hoje não pagou tal promissória no que concerne aos seus cidadãos de cor (King Jr. *apud* Sundquist, 2009, p. 230, tradução nossa)¹⁶.

¹⁵ No original: “Few of these others begin their history with a conscious act of foundation, proclaiming principles the content of which may be debated and contested, and the universality of which – their applicability to the rest of mankind – is made part of that contest. Yet that is the case for the United States; there was a foundation, and Americans continue to debate its meanings” (Pocock, 2004, p. 40).

¹⁶ No original: “In a sense we’ve come to our nation’s capital to cash a check. When the architects of our republic wrote the magnificent words of the Constitution and the Declaration of Independence, they were signing a promissory note to which every American was to fall heir. This note was a promise that all men, yes, black men as well as white men, would be guaranteed the unalienable Rights of Life, Liberty, and the pursuit of Happiness. It is obvious today that America has defaulted on this promissory note insofar as her citizens of color are concerned” (King Jr. *apud* Sundquist, 2009, p. 230).

Se, por um lado, existe uma crença que perpassa a história, de que os Estados Unidos foram fundados a partir de certos valores dos quais eles deveriam ser guardiães, por outro lado o consenso sobre quais valores seriam esses não é tão claro. Se, para alguns grupos, os princípios a serem preservados e observados teriam a ver com o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade – valores que não necessariamente precisariam de uma legitimação bíblica para sua aceitação –, para outros não seria possível pensar os valores fundacionais sem relacioná-los diretamente às Sagradas Escrituras e aos padrões morais por elas prescritos.

As jeremiads de Falwell

No início da década de 1980, Jerry Falwell era uma das lideranças político-religiosas mais conhecidas nos Estados Unidos e a *Moral Majority* vivenciava seu auge em termos de força e influência política. Além de estar à frente de uma enorme igreja batista na cidade de Lynchburg, na Virgínia (*Thomas Road Baptist Church*), Falwell também era um bem-sucedido televangelista – o seu programa *Old Time Gospel Hour* era “[...] transmitido por 324 estações de televisão, visto por 50 milhões de espectadores, e disp[unha] de um orçamento de um milhão de dólares semanais” (Elliot, 1988, p. 125). Percebendo o imenso poderio político do conservadorismo religioso, o próprio presidente Ronald Reagan – que já havia recebido o apoio da Maioria Moral para sua eleição em 1980 –, buscou construir um discurso em sintonia com as bandeiras e os anseios de Jerry Falwell, Tim LaHaye, Pat Robertson e outras lideranças da Direita Cristã.

Décadas antes, no contexto das lutas pelos direitos civis, Falwell foi um crítico severo do envolvimento das igrejas em questões políticas e sociais. Censurando os teólogos e pastores liberais que se engajavam nas manifestações pró-direitos civis, Falwell afirmou em um sermão de março de 1965 que “[...] crendo na Bíblia como eu creio, eu acharia impossível parar de pregar o puro Evangelho da salvação em Jesus Cristo e começar a fazer outra coisa” (Falwell *apud* Williams, 2010, p. 86, tradução nossa)¹⁷. Ele chegou a afirmar que “pregadores não são chamados para serem políticos, mas para serem ganhadores de almas” (Falwell *apud* Williams, 2010, p. 86)¹⁸. Entretanto, durante a década de 1970, Falwell realizou uma progressiva transformação no conteúdo de suas pregações e de seus programas de rádio e televisão. Já em 1976, ele fazia parte do grupo de lideranças fundamentalistas que se opunham abertamente à candidatura de Jimmy Carter, tecendo duras críticas aos posicionamentos políticos (especialmente seu alinhamento a setores mais liberais do partido em certas questões morais) e à falta de “postura” cristã “legítima” do candidato democrata (que se afirmava como um *born again christian*). Os comentários foram tão negativos que a campanha de Carter exigiu direito de resposta no programa *Old Time Gospel Hour*.

Isso teria feito Falwell perceber que poderia se tornar uma figura realmente importante na vida política nacional norte-americana. E não era apenas ele que tinha percepção desse potencial. Em 1979, Falwell e outras lideranças religiosas conservadoras norte-americanas – como Robert Billings e Tim LaHaye –, criaram a Maioria Moral, “[...]cuja função seria a de registrar novos eleitores, informar e mobilizar as pessoas, levando-as para o debate político com suas principais bandeiras em defesa da vida, da moral, da pátria e do Estado de Israel, influenciando assim as eleições, e principalmente o Partido

¹⁷ No original: “Believing the Bible as I do, I would find it impossible to stop preaching the pure saving gospel of Jesus Christ, and begin doing anything else”; “Preachers are not called to be politicians but to be soul winners” (Falwell *apud* Williams, 2010, p. 86).

¹⁸ Antes de questionar a pertinência ou não do envolvimento político de lideranças religiosas, Falwell, ainda nos anos 1950, sustentava posições claramente segregacionistas que foram publicamente defendidas no sermão “Segregation or integration, Which?” Sobre essa questão, ver: Alves Junior (2015). Posteriormente, Falwell procurou se retratar.

Republicano” (Finguerut, 2009, p. 122). Falwell se tornou o porta-voz da organização e o “rosto” mais famoso da Direita Cristã nos Estados Unidos¹⁹.

Harding (2000) constata que as pregações e mesmo alguns textos de Jerry Falwell têm o formato de uma *jeremiad*. Em 1980, Falwell publicou o livro “Listen America!”, no qual realizava um “diagnóstico” da situação política e espiritual do país e conclamava o que ele entendia como a “maioria silenciosa” dos norte-americanos (não necessariamente apenas os cristãos fundamentalistas) a se engajar em uma luta pela “alma da nação”. O livro falava de temas caros ao fundamentalismo e ao conservadorismo tanto religioso quanto político. “Listen America!” tem capítulos sobre a “herança” de liberdade legada pelos Pais Fundadores, o excepcionalismo do experimento norte-americano, o perigo do avanço comunista, os males das políticas de bem-estar social, as ameaças à família, a decadência moral da sociedade norte-americana, etc. O livro, no entanto, não é apenas um “vale de lágrimas”.

O texto de Falwell falava da necessidade de os cristãos agirem e estabelecia alguns valores e ideais políticos que deveriam ser defendidos²⁰. Na parte final do primeiro capítulo, ele sintetiza, numa espécie de *jeremiad*, o discurso básico de todo o conservadorismo religioso que estava em ascensão no fim da década de 1970. Inicialmente, Falwell falava do pecado da nação e do ambiente anticristão nos quais os jovens norte-americanos estavam sendo educados: as escolas públicas, orientadas por uma perspectiva humanista e secularizante, estariam afastando a juventude de Deus ao afirmar que a Bíblia era apenas mais um livro de literatura como outro qualquer e inculcando entre os alunos das escolas públicas a ideia de que não haveria absolutos no mundo atual.

Além disso, as políticas sociais de bem-estar governamentais herdeiras do *New Deal* seriam, segundo a interpretação de Falwell, de inspiração comunista e estariam dando um péssimo exemplo aos jovens – estimulando o ócio e mostrando que o *hard work* seria desnecessário. Esses, entre outros sinais, indicavam que o país precisaria de um verdadeiro despertar político-espiritual para reverter a situação de degradação dos valores da nação. Esse *revival* deveria ir da base até os mais altos cargos da nação. Uma “vida de santidade” não deveria ser uma realidade apenas para os *born again christians* espalhados pelas igrejas evangélicas. A maioria silenciosa queria um Congresso, um Judiciário e mesmo um presidente que tivessem compromisso com os valores do Evangelho e com a moralidade cristã. Nas palavras de Falwell (1980, p. 19, tradução nossa)²¹: “Eu acredito que os americanos desejam ver este país voltar às suas origens, voltar aos valores, voltar à moralidade bíblica, voltar à sensibilidade e voltar ao patriotismo. Os americanos estão à procura de liderança e orientação”. Por fim, “Listen America!”, bem na tradição *jeremiad*, conclamava os destinatários do texto à ação no sentido de reverter o quadro de abominações. Se o país retornasse à “sanidade moral”, a crise e a condenação iminente transformar-se-iam em bênção divinas.

O julgamento divino pode ser interrompido se o povo de Deus retornar para Ele. O retorno, ou, como Falwell colocava, *avivamento* ou *renascimento espiritual*, incluía não apenas ganhar almas e construir igrejas, mas também tomar uma posição nesta sociedade em favor da família tradicional, dos valores da família (Harding, 2000, p. 162, grifo do autor, tradução nossa)²².

¹⁹ O processo de desenvolvimento da Direita Cristã nos Estados Unidos na década de 1970 é discutido mais detalhadamente em trabalho anterior: Rocha (2020b).

²⁰ Em vários momentos, o próprio capitalismo recebeu uma “legitimação bíblica”: “O sistema de livre iniciativa está claramente esboçado no livro de Provérbios na Bíblia. [...] A propriedade privada é bíblica. A concorrência nos negócios é bíblica” (Falwell, 1980, p. 13).

²¹ No original: “I believe that Americans want to see this country come back to basics, back to values, back to biblical morality, back to sensibility, and back to patriotism. Americans are looking for leadership and guidance” (Falwell, 1980, p. 19).

²² No original: “God’s judgement may be stayed, if God’s people return to him. The returning, or as Falwell put it, the revival or spiritual renaissance, included not only soul winning and church building but also taking a stand in this society for the traditional family, for family values” (Harding, 2000, p. 16).

Falwell reverberava esse tipo de discurso por todo o país. Susan Harding, ao analisar um sermão de Falwell presenciado por ela em uma igreja batista de Detroit em junho de 1986, dizia que o que ela ouviu em Detroit “[...] havia sido pregado de uma forma ou outra por centenas, talvez milhares, de vezes por todo país por mais de uma década” (Harding, 2000, p. 154, tradução nossa)²³. O conteúdo básico do sermão era o mesmo que a autora havia ouvido em cruzadas evangelísticas anteriores de Falwell, como “America back to God”, “I love America” e “Clean up America”. Se em “Listen America!” ainda havia um presidente “hostil” na Casa Branca, em 1986, já durante a segunda administração de Reagan, Falwell falava de um período de renascimento político e espiritual dos Estados Unidos.

Mas, apesar da avaliação positiva da administração Reagan e da popularidade da Direita Cristã entre uma parcela significativa da população – de acordo com Marsden (2001), uma pesquisa Gallup de 1982 dizia que cerca de 25% do eleitorado norte-americano se identificava com os valores e bandeiras da Maioria Moral –, a pregação *jeremiad* de Jerry Falwell tinha início com a constatação do pecado da nação e das permanentes ameaças aos Estados Unidos enquanto uma “nação cristã”. No mencionado sermão de Detroit acompanhado por Harding, Falwell falava de uma guerra global contra as crianças (*global war against the children*), mas trabalhava com exemplos do que dizia ver nos Estados Unidos daquela época: o aumento dos casos de aborto (que ele chamava de “holocausto biológico”); aumento do uso de drogas; a ameaça da pornografia e da prostituição infantil; casos de suicídio de adolescentes que ouviam *heavy metal*; a crescente aceitação da homossexualidade pela sociedade como algo natural; a secularização da educação e da sociedade, entre outros.

Os Estados Unidos estariam virando as costas para o que Falwell entendia serem suas raízes judaico-cristãs e para os princípios bíblicos ao abraçar os valores de um humanismo secular que teria como premissa básica a noção de uma total independência do homem em relação a Deus ou qualquer outra entidade metafísica. As bases desse humanismo²⁴ seriam – de acordo com o discurso das lideranças da Maioria Moral –, o ateísmo (sem Deus), a teoria da evolução (sem criação especial), a amoralidade (relatividade dos princípios morais), a autonomia (em relação às ordenanças e preceitos religiosos) e a necessidade de uma grande estrutura governamental (e socialista) para implantar suas ideias na sociedade “de cima para baixo” –, crendo na “[...] bondade inata dos homens para governar o mundo com equidade” (LaHaye, 1980, p. 130, tradução nossa)²⁵. Rompido – pelos atos e escolhas de parte dos norte-americanos –, o pacto entre Deus e os Estados Unidos, a iminência do julgamento divino já podia ser percebida. Falwell entrou em uma grande polêmica no início dos anos 1980 por ter relacionado a proliferação do vírus da AIDS a um comportamento “promíscuo” e “pecaminoso” dos homossexuais. Ele retomou essa polêmica na pregação de Detroit. Mas a AIDS não seria um castigo divino especificamente contra os homossexuais. Em trecho do sermão transcrito por Harding, Falwell afirmava: “Eu acredito que é o julgamento de Deus contra a América por endossar e mesmo apoiar a imoralidade. Eu acredito que é o julgamento de Deus contra toda a sociedade. A AIDS está fora de controle, assim como a herpes, assim como muitas doenças sociais e tudo isso é o julgamento de Deus sobre a sociedade que O esqueceu” (Harding, 2000, p. 160, tradução nossa)²⁶.

²³ No original: “[...] he had preached it in some form or another hundreds, perhaps thousands, of times all over the country for over a decade” (Harding, 2000, p. 154).

²⁴ Essa noção de humanismo secular foi muito popularizada nos Estados Unidos da virada de década de 1970 pra 1980 em obras de Francis Schaeffer (1976, 1981) e Tim LaHaye (1980).

²⁵ No original: “Belief in the innate goodness of men to govern the world equitably” (LaHaye, 1980, p. 130).

²⁶ No original: “I believe it is God’s judgement against America, for endorsing immorality, even embracing it. I believe it is God’s judgement against the whole society. AIDS is out of control, as is herpes, as are many of the social diseases and all of it is the judgement of God upon the society that has forgotten Him” (Harding, 2000, p. 160).

A jeremiad de 13 de setembro de 2001

Em 2001, Jerry Falwell já não possuía a mesma popularidade e “peso político” da década de 1980, mas ainda era um dos principais nomes do protestantismo fundamentalista norte-americano. Pastoreando uma *megachurch* com milhares de membros, ainda ocupando relevante espaço na mídia religiosa e à frente da *Liberty University*, Falwell foi convidado por Pat Robertson para participar do programa 700 Club de 13 de setembro de 2001. O “anfitrião” Robertson também era um pilar da Direita Cristã norte-americana. Proprietário de sua própria rede de televisão – *Christian Broadcasting Network* –, Robertson chegou a se lançar como candidato à presidência nas prévias republicanas para a sucessão de Reagan²⁷.

Não se tratou de uma entrevista longa. Antes de chamar Falwell, Robertson fez uma espécie de introdução do assunto buscando respostas para a pergunta: “Por que isso aconteceu?”. Antes mesmo de formular esse questionamento, Robertson já dava alguns indicativos muito familiares para aqueles versados na retórica da Direita Cristã norte-americana. O surpreendente ataque em solo norte-americano havia sido um choque para um país que se considerava invulnerável. As “coisas de Deus” não seriam prioridade para um povo que privilegiava seus interesses materiais e sua busca por prazeres mundanos. Ato contínuo, o rosário de “pecados nacionais” padrão dos discursos da Direita Cristã reaparece na fala de Robertson: pornografia, secularismo, ocultismo, crianças impedidas de lerem suas Bíblias nas escolas e, segundo Robertson, 35 a 40 milhões de abortos, etc.

Feitas as constatações, a conclusão de Robertson era: “Bem, o que está acontecendo é que o Deus Todo-Poderoso está retirando sua proteção de nós. E uma vez que essa proteção é retirada, todos nós nos tornamos vulneráveis porque somos uma sociedade livre” (Falwell; Robertson, 2003, p. 104, tradução nossa)²⁸. Ao mesmo tempo em que denunciava o pecado nacional e advertia o povo em relação ao fim da proteção divina (Deus deixando o país lidar com as consequências de seus pecados), Robertson não abandonava certos mitos nacionais norte-americanos, como o “mito da inocência” e os Estados Unidos como a “terra da liberdade”.

Como os cristãos deveriam responder à crise instalada pelos ataques de 11 de setembro? Essa é a pergunta que Robertson fez inicialmente a Jerry Falwell. Ele dá início às suas argumentações focando no caráter “espiritual” da reação dos cristãos. Em sua experiência com os membros de sua igreja e com a comunidade ligada à *Liberty University*, Falwell chama a atenção para as orações, jejuns, quebrantamentos e busca por Deus. Os cristãos eram conclamados a orar pelo país e pelo seu presidente (que gozava da simpatia de Falwell e Robertson). A passagem bíblica de II Crônicas 7:14 – presente em várias *jeremiads* ao longo da história norte-americana –, é invocada por Falwell: “Se o meu povo, sobre quem foi invocado o meu Nome, se humilhar, orar, buscar a minha presença e se arrepender de sua má conduta, eu, do céu, escutarei, perdoarei seus pecados e restaurarei seu país” (II Crônicas 7:14). Robertson e Falwell falam dos eventos de 11 de setembro como possibilidade de um verdadeiro avivamento espiritual nos Estados Unidos.

Ao procurar apontar os culpados pelo ataque, Falwell, de fato, começa apontando para os “[...] fundamentalistas islâmicos, esses terroristas radicais, esses monstros do Oriente Médio comprometidos

²⁷ Apesar de ter conseguido empolgar algumas lideranças fundamentalistas, Robertson acabou derrotado nas prévias do Partido Republicano por George Bush.

²⁸ No original: “Well, why it's happening is that God Almighty is lifting his protection from us. And once that protection is gone, we all are vulnerable because we're a free society” (Falwell; Robertson, 2003, p. 104).

com a destruição da nação judaica [...] E nós somos o Grande Satã. Nós somos o objetivo final” (Falwell; Robertson, 2003, p. 104, tradução nossa)²⁹. Entretanto, e aí se desenvolve a parte realmente polêmica da fala de Falwell, ele rapidamente passa dos inimigos externos para os inimigos internos. Como visto na citação apresentada anteriormente neste texto, Falwell atribuiu parte da responsabilidade pelo acontecido a alguns dos “tradicionais inimigos” da Direita Cristã, como defensores da legalização do aborto, feministas, homossexuais e organizações como a ACLU e a *People For The American Way*. Com a conivência do poder judiciário, especialmente da Suprema Corte, esses grupos seriam responsáveis pela secularização progressiva da sociedade norte-americana, gerando o descontentamento divino e a consequente retirada do “véu de proteção” de Deus sobre os Estados Unidos. Robertson, no momento da entrevista, reagiu positivamente à fala de Falwell e afirmou: “Bem, concordo totalmente, e o problema é que essa agenda tem sido adotada nos mais altos escalões de nosso governo” (Falwell; Robertson, 2003, p. 104, tradução nossa)³⁰.

A afirmação de Falwell gerou revolta dos grupos e organizações mencionados. O conteúdo da entrevista circulou nos meios de comunicação gerando um grande desgaste para Falwell (e também para Robertson) junto à opinião pública norte-americana. Frente às repercussões negativas, Jerry Falwell procurou contornar a situação e se desculpar. À CNN ele disse: “Eu nunca culparia nenhum ser humano, exceto os terroristas, e se eu deixei essa impressão com os gays ou lésbicas ou qualquer outra pessoa, eu peço desculpas” (Falwell, 2001, *online*, tradução nossa)³¹. Mas, apesar das desculpas, Falwell procurou reafirmar elementos centrais de sua fala no *700 Club*. Na mesma entrevista dada à CNN, Falwell (2001, *online*, tradução nossa)³² disse: “Eu creio, como teólogo, baseado em várias passagens das Escrituras e, particularmente, Provérbios 14:23, que diz que ‘viver de acordo com os princípios de Deus promove a grandeza de uma nação, enquanto violar tais princípios é motivo de vergonha’. A atuação da ACLU e de outras organizações que buscam secularizar os Estados Unidos “[...] tem afastado nossa nação de seu relacionamento com Cristo – relacionamento no qual ela foi fundada” (Falwell, 2001, *online*, tradução nossa)³³. Mais à frente ele reafirma acreditar que “[...] isso criou um ambiente que possivelmente fez com que Deus retirasse seu véu de proteção que não permitiu que ninguém atacasse a América no nosso próprio solo desde 1812” (Falwell, 2001, *online*, tradução nossa)³⁴.

Embora muitos norte-americanos considerassem a interpretação de Falwell e Robertson evidentemente absurda, ‘milhões de cristãos fundamentalistas’ a consideravam bastante plausível. Falwell e Robertson, é claro, ficaram indignados com os ataques e presumiam que os homens que os executaram eram maus. Mas eles também acreditavam que os ataques nunca teriam ocorrido se Deus não tivesse removido sua proteção do povo norte-americano. Deus fez isso, disseram Falwell e Robertson, porque o governo dos Estados Unidos se permitiu ser influenciado por pessoas ímpias. A América estava recebendo exatamente o que merecia. Falwell e Robertson afirmaram que Deus estava usando os homens que lançaram os ataques para fazer um alerta aos Estados Unidos. Deus

²⁹ No original: “[...] *These Islamic fundamentalists, these radical terrorists, these Middle Eastern monsters are committed to destroying the Jewish nation [...]. And, we are the great Satan. We are the ultimate goal*” (Falwell; Robertson, 2003, p. 104).

³⁰ No original: “*Well, I totally concur, and the problem is we have adopted that agenda at the highest levels of our government*” (Falwell; Robertson, 2003, p. 104).

³¹ No original: “*I would never blame any human being except the terrorists, and if I left that impression with gays or lesbians or anyone else, I apologize*” (Falwell, 2001, *online*).

³² No original: “*I do believe, as a theologian, based upon many Scriptures and particularly Proverbs 14:23, which says ‘living by God’s principles promotes a nation to greatness, violating those principles brings a nation to shame*” (Falwell, 2001, *online*).

³³ No original: “[...] *have removed our nation from its relationship with Christ on which it was founded*” (Falwell, 2001, *online*).

³⁴ No original: “[...] *I therefore believe that that created an environment which possibly has caused God to lift the veil of protection which has allowed no one to attack America on our soil since 1812*” (Falwell, 2001, *online*).

queria que a nação se afastasse das ideias malignas dos ‘pagãos, abortistas, feministas, gays e lésbicas’ e ‘se acertasse com Deus’ (Watt, 2017, p. 160, tradução nossa)³⁵.

Possivelmente, uma das razões da polêmica pública levantada pelas declarações de Falwell tenha sido a divulgação da entrevista para além do público tradicional do programa. Lincoln (2003) fala da importância de se procurar entender com quem Falwell e Robertson pensavam estar se comunicando. Os espectadores costumeiros do programa de Pat Robertson provavelmente compreenderam as falas dos dois evangelistas e, como disse David H. Watt na citação acima, consideraram suas hipóteses do “porquê do 11 de setembro” bastante plausíveis. Antes de ser um chamado a todo o país, o que foi dito naquele programa tinha como alvo primário um grupo denominado de “a igreja”. No discurso dos televangelistas, o país estava dividido entre a igreja – comprometida com os valores do cristianismo, da bondade, da intercessão pela nação e com a busca do avivamento –, e os ímpios que tentam secularizar o país.

O segundo grupo seria responsável pelo afastamento do país dos valores fundamentais e pelo “abandono divino”, com a retirada do véu de proteção de Deus de sobre os Estados Unidos. Assim, pode-se dizer que o discurso de Falwell é, em certa medida, segregador. Ele faz todo o sentido para uma parte da população, mas é ofensivo para outra. Voltando a Harding e sua experiência ao acompanhar o sermão de Falwell em Detroit em 1986, ela diz que “[...] a mensagem implícita e explícita de Falwell para mim naquela noite era de que eu estava do lado errado da linha [...]. Não importa o quanto eu resistisse à sua mensagem explícita, não pude resistir às maneiras implícitas como as formas de seu discurso me excluía” (Harding, 2000, p. 166, tradução nossa)³⁶. Na perspectiva de Jerry Falwell, a América secular era um problema para o qual uma América cristã seria a solução.

Considerações Finais

Procurou-se, neste breve texto, apresentar uma das facetas da relação entre os eventos de 11 de setembro de 2001 e as crenças religiosas. Se as motivações dos radicais islâmicos envolvidos nos atentados às Torres Gêmeas foram alvo de vários estudos nos últimos 20 anos, o mesmo não pode ser dito a respeito das interpretações religiosas “internas” do fundamentalismo protestante norte-americano. Nessa tarefa, buscou-se abordar elementos do imaginário políticos dos Estados Unidos, crenças e formas de retórica consolidadas na longa duração e os impactos de eventos perturbadores como os ataques terroristas.

Ao discutir a tradição da retórica *jeremiad* na história dos Estados Unidos, procurou-se demonstrar como o discurso de Falwell assumia uma forma muito familiar aos “ouvidos” do público norte-americano. Mas, como se buscou demarcar, a *jeremiad* pode transmitir diferentes conteúdos. O caso de Martin Luther King foi mencionado anteriormente, mas, na verdade, pode-se falar de uma tradição afro-americana de *jeremiads* na história dos Estados Unidos³⁷. Por exemplo, em meio às repercussões do 11 de setembro, o Reverendo Jeremiah Wright denunciou as contradições entre os “valores fundacionais” e as práticas do governo norte-americano tanto em seu território quanto em sua política externa.

³⁵ No original: “Although many Americans found Falwell and Robertson’s interpretation to be patently absurd, it was one that ‘millions of Christian fundamentalists’ found quite plausible. Falwell and Robertson were, of course, outraged by the attacks, and they assumed that the men who carried them out were evil. But Falwell and Robertson also believed that the attacks would never have occurred had not God removed his protection from the American people. God had done that, Falwell and Robertson said, because the American government had allowed itself to be influenced by people who were ungodly. America was getting just what it deserved. Falwell and Robertson asserted that God was using the men who launched the attacks to give America a wakeup call. God wanted America to turn away from the evil ideas of ‘the pagans, and the abortionists, and the feminists, and the gays and the lesbians’ and to ‘get right with God’” (Watt, 2017, p. 160).

³⁶ No original: “[...] Falwell’s implicit as well as explicit message to me that night was that I was on the wrong side of the line. [...] No matter how much I consciously resisted his explicit message, I could not resist the implicit ways the forms of his speech excluded me” (Harding, 2000, p. 166).

³⁷ A presença da retórica *jeremiad* na tradição afro-americana foi trabalhada por Bernard W. Bell (2009).

A compreensão dos sentidos e funções da *jeremiad* fundamentalista de Jerry Falwell demanda uma série de reflexões: sobre o contexto de sua fala, sobre seu público-alvo, sobre a concepção de identidade nacional que ela expressa e sobre os alvos de sua denúncia. Os argumentos de Jerry Falwell, concordando-se ou não com eles, procuravam dar sentido àqueles eventos aparentemente caóticos do 11 de setembro. E, bem ao seu estilo, Falwell, como um Jeremias de seu tempo, dizia que a terra da liberdade e da democracia (para Falwell também uma “nação cristã”) estaria em pecado. A “cidade no alto da colina” virou as costas para suas “origens cristãs” e se curvou perante o bezerro de ouro do humanismo secular. Os ímpios estariam ditando os rumos da nação, influenciando o governo e o judiciário e construindo um país à sua imagem e semelhança. Frente ao pecado e apostasia nacional, o julgamento de Deus é iminente.

Ao retirar o seu “véu de proteção”, Deus permitiu que os Estados Unidos fossem “feridos” por seus inimigos. Os atentados de 11 de setembro deveriam ser entendidos como um alerta divino para uma nação que se afastou dos caminhos do Senhor. Entretanto, como visto, a *jeremiad* não se limita à exposição do pecado e conseqüente julgamento divino. O chamado ao arrependimento e à volta ao antigo pacto se fazia ouvir. Falwell conclamava o “povo de Deus” a se humilhar e buscar o perdão divino. A promessa era de um grande avivamento espiritual e político.

Referências

- Alves Junior, A. G. C. *Interpretações da liberdade: o dissenso norte-americano levado aos tribunais (1983-1988)*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- Bell, B. W. President Barack Obama, the Rev. Dr. Jeremiah Wright, and the African American jeremiadic tradition. *The Massachusetts Review*, v. 50, n. 3, p. 332-343, 2009.
- Bercovitch, S. A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América. In: Sachs, V. et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 141-158.
- Bercovitch, S. *The American jeremiad*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1978.
- Bercovitch, S. *The puritan origins of the American self*. New Haven: Yale University Press, 1975.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- Chappell, D. Uma pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow. *Tempo*, v. 13, n. 25, p. 64-97, 2008.
- Elliot, E. Religião, identidade e expressão na cultura americana: motivo e significado. In: Sachs, V. et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 113-139.
- Falwell, J. *Listen, America!* New York: Doubleday & Company, 1980.
- Falwell, J; Robertson, P. Transcript of Pat Robertson’s interview with Jerry Falwell broadcast on the 700 Club, September 23, 2001. In: Lincoln, B. *Holy terrors: thinking about religion after September 11*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003. p. 104-107.
- Falwell apologizes to gays, feminists, lesbians. *CCN*, Lynchburg, Sep. 14, 2001. Available from: <https://edition.cnn.com/2001/US/09/14/Falwell.apology/>. Cited: Apr 17, 2021.
- Finguerut, A. Formação, crescimento e apogeu da Direita Cristã nos Estados Unidos. In: Silva, C. E. L. (org.). *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 113-155.
- Harding, S. F. *The book of Jerry Falwell*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- Jerry Falwell and Pat Robertson Blame 9/11 on Organizations [...]. [S. l.: s. n.], 2001. 1 vídeo (1 min 46 seg). Publicado pelo canal People For the American Way. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kMkBgA9_oQ4. Acesso em: 14 abr. 2021.

- LaHaye, T. *The battle for the mind*. New Jersey: Fleming H. Revell, 1980.
- Lincoln, B. *Holy terrors: thinking about religion after September 11*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- Marranci, G. *Understanding muslim identity: rethinking fundamentalism*. New York: Palgrave MacMillan, 2009.
- Marsden, G. M. *Religion and American culture*. 2. ed. Fort Worth: Harcourt College Publishers, 2001.
- Moltmann, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- Murphy, A. R. *Prodigal nation: moral decline and divine punishment from New England to 9/11*. New York: Oxford University Press, 2009.
- Neüff, M. *Words of crisis as words of power: the jeremiad in American presidential speeches*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018.
- Pierucci, A. F. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. *Revista USP*, n. 13, p. 144-156, 1992.
- Pocock, J. G. A. America's foundations, foundationalisms, and fundamentalisms. *Orbis*, v. 49, n. 1, p. 37-44, 2004.
- Rocha, D. Da "minoría silenciosa" à Maioria Moral: transformações nas relações entre religião e política nos fundamentalismo norte-americano na década de 1970. *Religião & Sociedade*, v. 40, p. 91-114, 2020b.
- Rocha, D. Sob o estigma do fundamentalismo: algumas reflexões sobre um conceito controverso. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 18, n. 56, p. 455-484, 2020a.
- Schaeffer, F. A. *How should we then live: the rise and decline of western thought and culture*. Old Tappan: Fleming H. Revell Company, 1976.
- Schaeffer, F. A. *A Christian manifesto*. Wheaton: Cross Way Books, 1981.
- Sundquist, E. J. *King's dream*. New Haven: Yale University Press, 2009.
- Watt, D. H. *Antifundamentalism in modern America*. Ithaca: Cornell University Press, 2017.
- Watt, D. H.; Wood, S. A. *Fundamentalism: perspectives on a contested history*. Columbia: The University of South Carolina Press, 2014.
- Williams, D. K. *God's own party: the making of the Christian Right*. New York: Oxford University Press, 2010.

Como citar este artigo/How to cite this article

Rocha, D. O 11 de setembro como alerta divino: Jerry Falwell e a *jeremiad* americana. *Reflexão*, v. 46, e215370, 2021. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v46e2021a5370>